

MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO



O Programa em Memória da Escravidão, gerenciado pelo Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, foi estabelecido pela Assembleia Geral em 2007 para honrar a memória das vítimas da escravidão e do comércio transatlântico de escravos. Ele também visa a aumentar a consciência sobre os perigos do racismo e do preconceito hoje em dia.

Todo ano o Programa comemora o Dia Internacional em Memória das Vítimas da Escravidão e do Comércio Transatlântico de Escravos em 25 de março na Sede da ONU, em Nova York, e organiza uma série de atividades ao longo do ano. Essas atividades incluem mesas de discussões, exibição de filmes, uma exposição, uma palestra para organizações não governamentais e uma videoconferência com estudantes morando em países afetados pelo comércio transatlântico de escravos.

Os Centros de Informação da ONU também organizam uma série de atividades comemorativas pelo mundo. Em 2015, essas atividades serão organizadas sob o tema "Mulheres e a Escravidão".

O Programa trabalha com a Organização da ONU para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), instituições educacionais e a sociedade civil que auxiliam os estudantes a aprender causas, consequências e lições do comércio transatlântico de escravos.

Um Memorial, A Arca do Retorno, foi inaugurado na Sede da ONU em 25 de março de 2015. O Memorial foi projetado por Rodney Leon, arquiteto dos EUA de ascendência haitiana. O Memorial representa uma embarcação que remonta aos milhões de africanos transportados em condições extremas nos navios de escravos durante a "passagem do meio". Os visitantes devem passar pela Arca de Retorno para experimentarem três elementos principais: reconhecer a tragédia, considerar seu legado e nunca esquecer.



Para mais informações sobre o programa por favor visite o nosso site: <http://rememberslavery.un.org> ou nos contacte pelo e-mail education-outreach@un.org

MULHERES E ESCRAVIDÃO

CONTANDO SUAS HISTÓRIAS

Essa exposição é um tributo a muitas mulheres escravas que passaram por sofrimentos insuportáveis, incluindo exploração sexual, e também àquelas que lutaram pela libertação da escravidão e defenderam sua abolição. Também celebra a força das mulheres escravizadas, muitas das quais transmitiram com sucesso sua cultura africana aos seus descendentes, apesar dos muitos abusos que sofreram. Não é surpresa que suas lutas contra a escravidão influenciaram a luta pelos direitos das mulheres que teve início no século XIX.



Mulheres escravizadas de diferentes nações
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

Mulheres resistiram à escravidão de diferentes formas. Desenvolveram habilidades e tentaram preservar a dignidade e a unidade de suas comunidades. Algumas delas se tornaram concubinas de seus mestres ou casaram com homens livres na esperança de conquistarem sua liberdade e a de suas crianças. Outras se tornaram líderes espirituais ou participaram de revoltas e lutaram por liberdade no sistema jurídico. Suportaram a prostituição, a exploração sexual, o estupro, a tortura e a morte.

Em muitos lugares, lutaram contra o brutal sistema escravocrata, que considerava escravos “propriedades ambulantes”. Elas pagaram um alto preço, mas suas histórias permanecem relativamente desconhecidas. Eram submetidas a um sistema escravocrata que pretendia tornar todos os escravos anônimos, sem voz e sem cultura. Essa injustiça reforça a necessidade de lembrar as vítimas da escravidão e reconhecer sua humanidade.

Estima-se que um terço das mais de 15 milhões de pessoas que foram vendidas como escravas da África pelo comércio transatlântico eram mulheres. Mulheres escravizadas traziam uma carga tripla. Além de suportarem duras condições de trabalho forçado como escravas, sofreram formas extremamente cruéis de discriminação e exploração sexual, devido ao seu gênero e cor de pele.



W Stands for *Woman*. In Slavery-life,
Full many are mothers, but no one is wife.
For decency's sake, form of wedding there is,
But the parties are claimed by the master as his;
And the children are sold, and the father is sold
To this or that trader, "to have and to hold;"
And the woman is whipped, for the motherly moan
And the cry of a heart that is left all alone.
O master all monstrous! is conscience amiss
In dooming the sham of a wedding like this!

W stands for Woman, por volta de 1864
O Evangelho da escravidão: uma cartilha de liberdade
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

COMÉRCIO TRANSATLÂNTICO DE ESCRAVOS



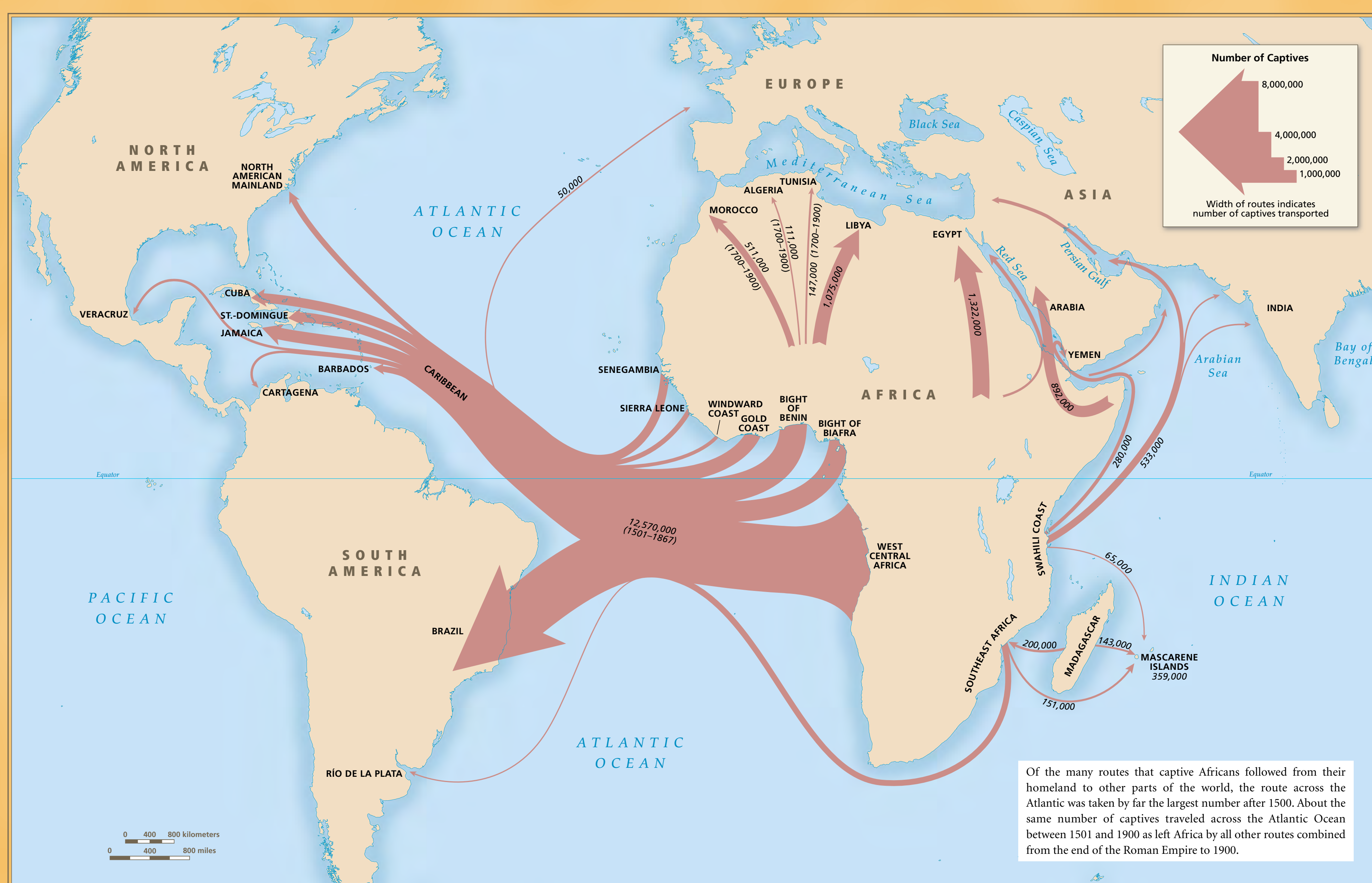
Caravanas de escravos da África Oriental
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

Durante mais de 400 anos, mais de 15 milhões de homens, mulheres e crianças foram vítimas do trágico comércio transatlântico de escravos, um dos mais sombrios capítulos da história humana.

Como consequência direta, o maior movimento de africanos foi em direção às Américas. De 1501 a 1830, para cada europeu, quatro africanos cruzaram o Oceano Atlântico, fazendo da demografia das Américas, naquele tempo, uma extensão da diáspora africana mais do que da europeia. O legado dessa migração é ainda evidente hoje, com grandes populações de descendentes de africanos morando em todas as Américas.

Desenvolveram-se dois sistemas de comércio de escravos: o comércio do norte, dominado pelos britânicos e franceses, e o do sul, dominado pelos portugueses e brasileiros.

No que ficou conhecido como “comércio triangular” do sistema do norte, embarcações navegavam da Europa até a África Ocidental com produtos cambiados pelos cativos que eram então comercializados e transportados para o Caribe. Lá os navios eram esvaziados da sua carga humana e seus compartimentos eram enchidos com produtos do Novo Mundo que seriam vendidos assim que retornassem a Europa.



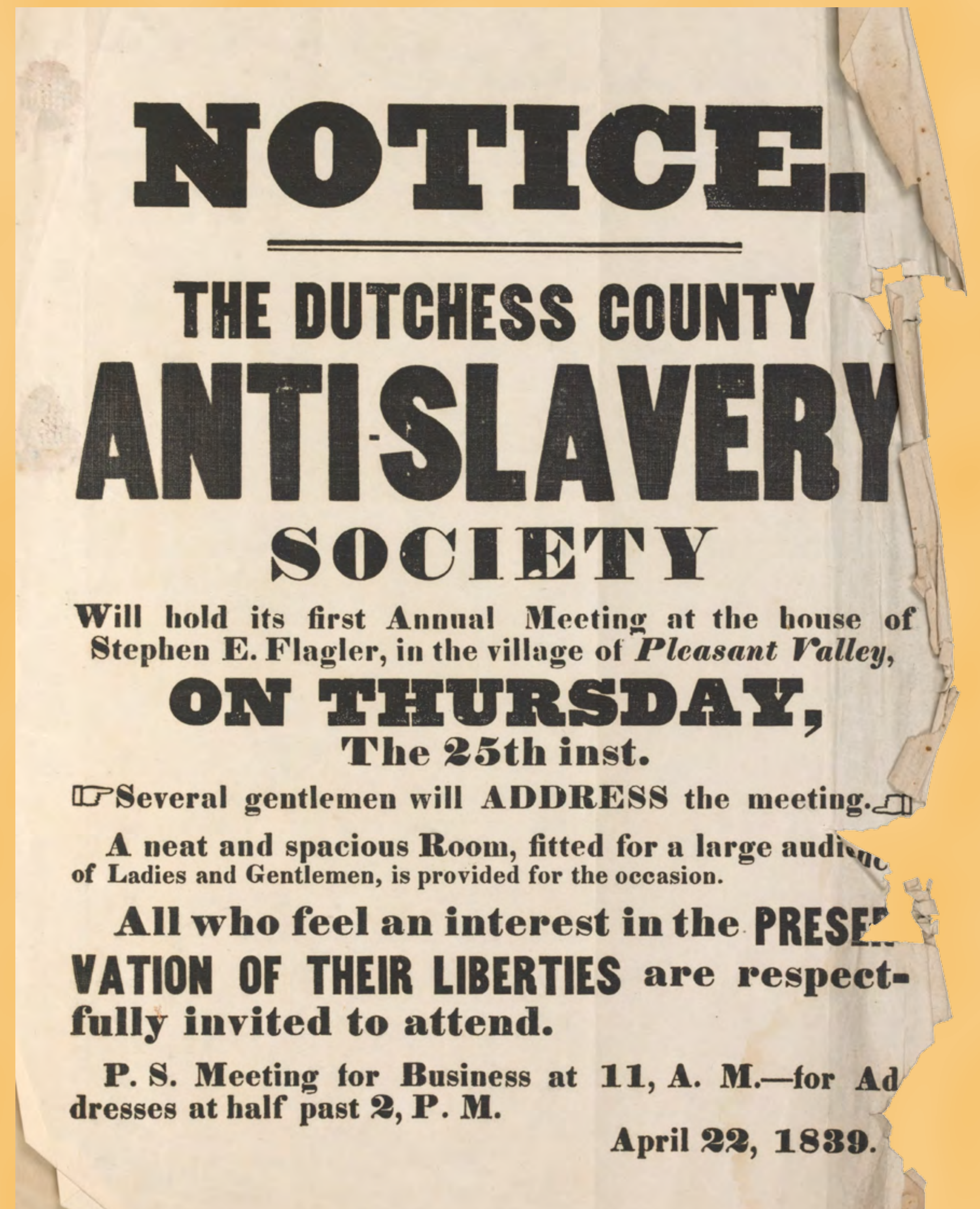
Visão geral do Comércio Transatlântico de Escravos 1501-1867, *Atlas do Comércio Transatlântico de Escravos*
(New Haven, Connecticut, Yale University Press 2010)

O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

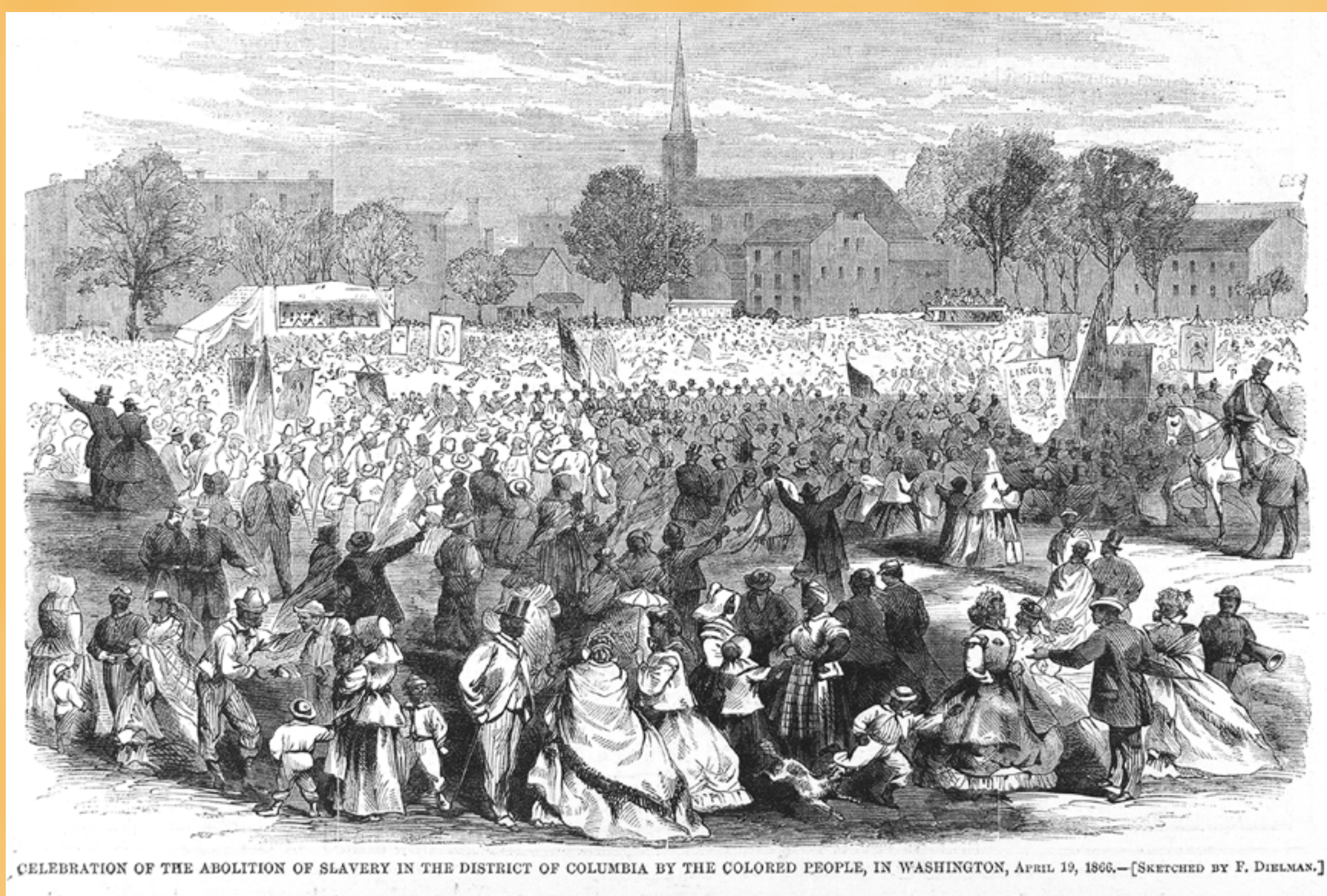
O comércio transatlântico de escravos durou cerca de quatro séculos. Na maior parte do início da era moderna, as pessoas aceitaram a escravidão e o comércio escravo como legítimos e morais. No início do século XIX, começava a ficar claro para a comunidade internacional que o comércio de pessoas não era mais tolerável.

O momento inicial para reverter a visão anteriormente aceita começou com o movimento abolicionista anglo-americano. Indivíduos e organizações se corresponderam, defenderam suas ideias e publicaram livros, panfletos e jornais como parte de um esforço para ampliar a conscientização sobre a causa. Isto foi o começo de um dos maiores movimentos humanitários já vistos. Um esforço global estava, também, sendo construído com muitas nações se tornando signatárias de tratados internacionais sobre essa questão.

Em 1807, a Grã-Bretanha e os EUA haviam legalmente abolido o comércio transatlântico de escravos. Essas ações, entretanto, não puseram fim à escravidão nos países e territórios que participaram do comércio de escravos. Décadas depois, o Ato de Abolição de 1833 encerrou a escravidão no Canadá, nas Índias Ocidentais Britânicas e no Cabo da Boa Esperança.



Nota pública de uma associação antiescravidão
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

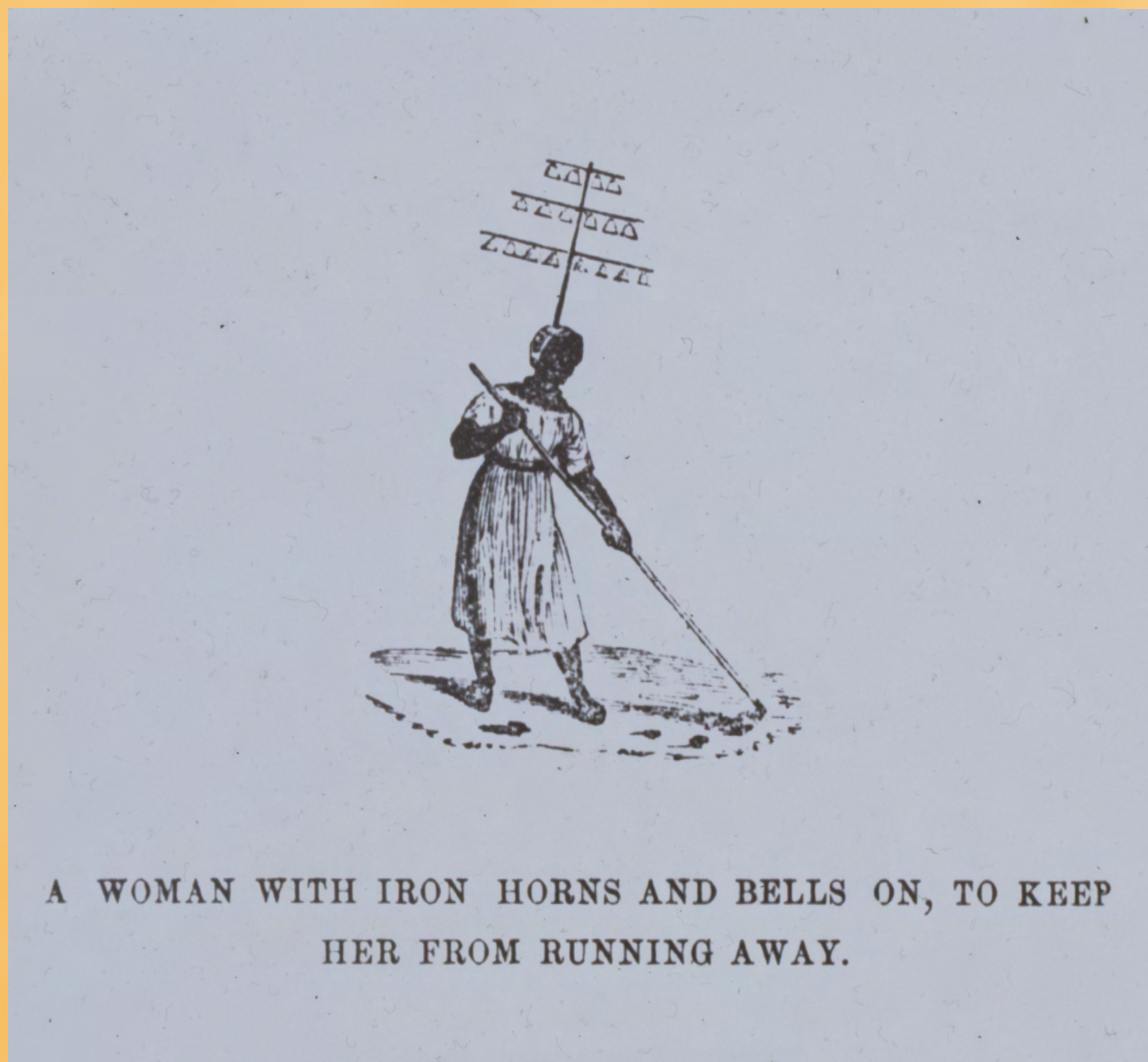


Celebração da abolição da escravidão no Distrito de Columbia pela população afro-americana em Washington, D.C., 19 de abril de 1866
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

O Ato de Escravidão das Índias, assinado em 1843, proibia a escravidão nas Índias Britânicas, governada pela Companhia das Índias Orientais. A escravidão também foi abolida em 1848 na França, em 1853 na Argentina, em 1863 nas colônias holandesas, em 1865 nos Estados Unidos e em 1888 no Brasil.

2015 marca o 150º aniversário da ratificação do 13º emenda à Constituição dos Estados Unidos, que formalmente aboliu a escravidão em todo o território dos Estados Unidos.

O IMPACTO SOBRE AS MULHERES



Mulher com chifres de ferro e sinos para impedi-la de fugir
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

Embora a pressão para aumentar a produtividade do trabalho escravo tivesse impacto em homens e mulheres, os proprietários de escravos de algumas localidades começaram a desenvolver práticas com relação à mão de obra escrava feminina para aumentar a população de escravos. Isso levou à exploração sexual de mulheres escravizadas e se tornou um importante elemento que motivou a resistência das mulheres escravas.

Enquanto a abolição do comércio escravo se aproximava, a importação de escravos da África aumentava. Entretanto, após o Ato de Abolição do Comércio Escravo ter entrado em vigor em 1807 no Império Britânico, a população de escravos diminuiu. Isso levou a um aumento da demanda de trabalho sobre as populações escravizadas.



Escravas fugitivas / Emily fuge
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York



Ann Zingha, Rainha de Matamba
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

RAINHA ANN ZINGHA

Rainha africana que resistiu ao regulamento colonial português para proteger seu povo da escravidão

1582 - 1664

Angola

A rainha Ann Zingha foi a filha do oitavo rei de Matamba, na África Central. Ela governou o reinado com mãos de ferro até a sua morte, aos 82 anos de idade. Seu longo reinado foi marcado por incontáveis batalhas internas e um turbulento relacionamento com os portugueses.

Ela ficou horrorizada ao testemunhar a escravização de parte de seu povo. Os escravos eram amontoados como animais no porto de Luanda e quase metade deles morria de inanição e abusos antes mesmo de serem transferidos para os navios de escravos. Luanda tinha a reputação de ser um dos maiores portos de comércio de escravos e um dos mais brutais. De acordo com as estatísticas sobre expedições de escravos, aproximadamente 40% dos africanos escravizados eram originários de Angola e do Congo.

A rainha Zingha foi bem-sucedida em convencer os portugueses a retirar suas tropas das fronteiras previamente reconhecidas e respeitar a soberania de Matamba. Na conclusão das negociações, os portugueses propuseram que o território livre da rainha ficasse sob a proteção do rei de Portugal. Essa proposta incluía a entrega de 12 a 13 mil escravos por ano em substituição ao pagamento de taxas.

Zingha recusou terminantemente a proposta. Seu desejo acabou prevalecendo e ela governou o último território livre remanescente do seu país até sua morte. A rainha Zingha foi a última líder soberana de Angola. Os portugueses aboliram o comércio de escravos em 1836.



Antoine Lamoraille, *Na dede poi sani* (A morte sozinha destrói os laços entre as coisas), 1998
Coleção Mama Bobi © Todos os direitos reservados

CLAIRE

Quilombola (escrava fugitiva) que morreu lutando para manter sua liberdade

Século XVIII

Guiana Francesa

A história da Guiana Francesa é marcada pela história de escravos fugitivos. Aqueles que conseguiam escapar permanentemente formavam grupos para sobreviver nas florestas e se defender das expedições lideradas pelas autoridades. Seus acampamentos assemelhavam-se a vilas onde atividades de subsistência (caça, pesca, agricultura) se desenvolviam. Os nomes dos quilombolas (escravos fugitivos) mais marcantes - Adome, Jérôme, Simon, Pompée e Linval - atravessaram a história.

Por volta de 1742, a comunidade quilombola de Montagne Plomb foi formada. O Código Negro de 1685 já prescrevia punição severa para escravos fugitivos, mas os colonos obtiveram autorização adicional de atirarem nos fugitivos durante a fuga.

Em setembro de 1749, um destacamento de índios americanos e soldados colonos foi despachado para atacar Montagne Plomb. Durante um ataque súbito, o escravo fugitivo Copéna e sua mulher Claire foram capturados. Acusado de saquear e incitar os escravos a fugir, Copéna foi sentenciado à morte por tortura na roda. Claire foi estrangulada e depois enforcada. Seus filhos foram obrigados a assistir às execuções.

O trabalho em exibição é um exemplo de "arte tembé", arte criada pelos escravos fugitivos da Guiana Francesa e do Suriname.



Johann Moritz Rugendas, *San Salvador*, século XIX
© DACO-VERLAG, Stuttgart, Alemanha 2013

DANDARA

Quilombola (escrava fugitiva), esposa e mãe que se tornou um símbolo nacional de resistência

Século XVII

Brasil

Tudo que sobreviveu de Dandara, uma escrava fugitiva brasileira, nos livros de história foi seu nome. Ela foi companheira de Zumbi dos Palmares, um dos mais importantes comandantes da região de Quilombo dos Palmares. Juntos, tiveram três filhos.

Escravos fugitivos se estabeleciam em Palmares, que tinha 6 mil habitantes por volta de 1643. Comunidades quilombolas, conhecidas como *mocambos* ou *quilombos*, eram bem organizadas e protegidas. Eram formadas por escravos quilombolas (fugitivos), africanos e crioulos, mas também por ameríndios, mestiços e homens brancos livres.

Após a expulsão dos colonos holandeses do norte do Brasil, a destruição dos Palmares se tornou a principal preocupação do poder colonial português. Eles tiveram que organizar várias ofensivas antes de serem bem-sucedidos.

A comunidade tinha aproximadamente 30 mil quilombolas quando foi finalmente destruída, em 1695. Zumbi foi posteriormente capturado e decapitado no dia 20 de novembro daquele ano. Ninguém sabe o que aconteceu com Dandara.

Zumbi e Dandara tornaram-se símbolos da resistência antiescravidão e anticolonialista, bem como heróis da comunidade afro-brasileira. O aniversário da morte do Zumbi ficou associado à consciência e resistência afro-brasileira. Os quilombos se firmaram na história como comunidades que se opuseram ao sistema colonial.



Nota de 500 com a figura da rainha Nanny, emitida no 50º aniversário de independência da Jamaica em 2012 © Daniel Denis

RAINHA NANNY

Quilombola (escrava fugitiva), líder rebelde e estrategista militar que estabeleceu uma colônia quilombola

Por volta de 1686 - 1733

Jamaica

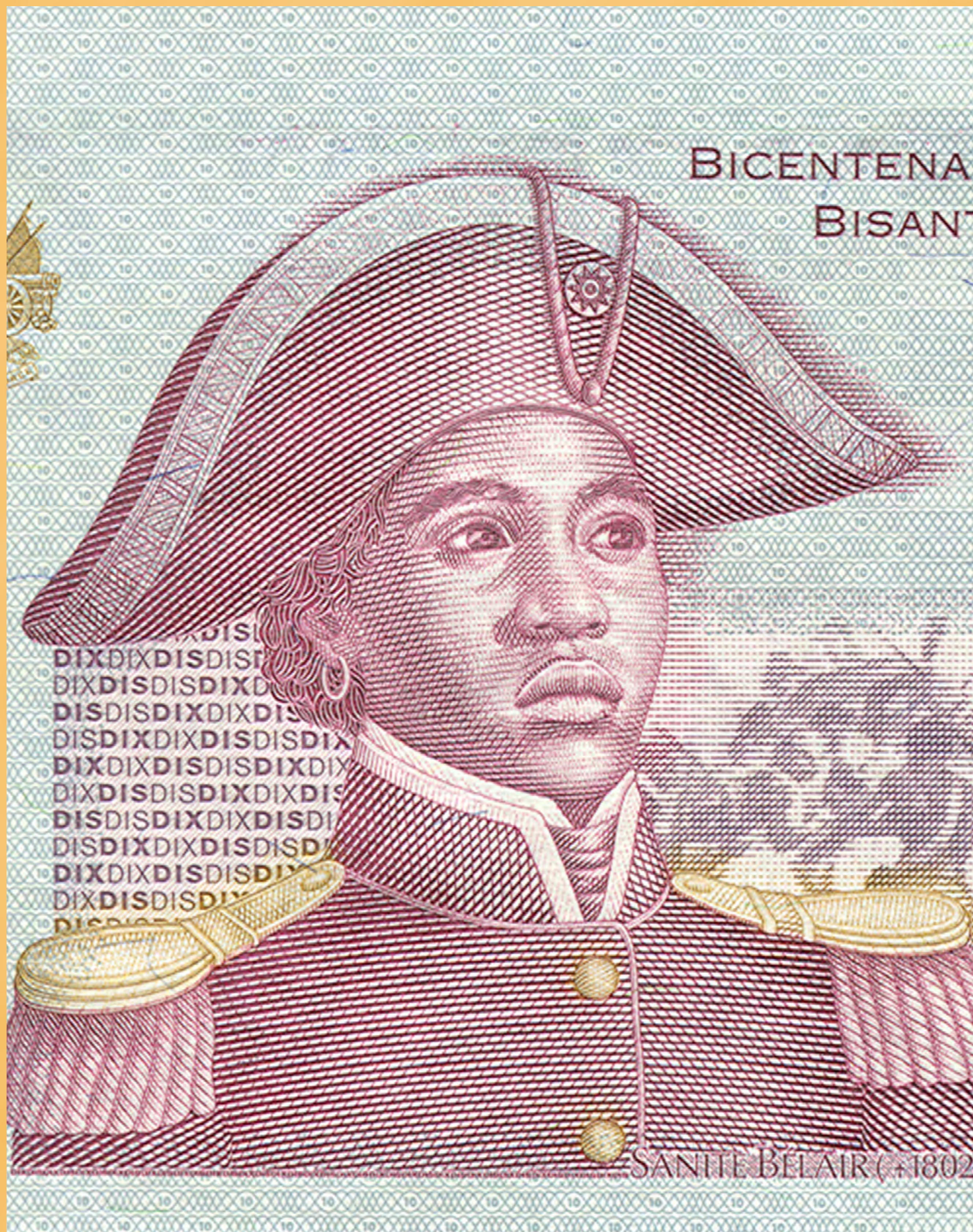
A rainha Nanny, uma Ashanti nascida em Gana por volta de 1686, foi trazida da Jamaica na infância e vendida em Saint Thomas Parish, onde escravos trabalhavam dia e noite nas plantações de cana-de-açúcar.

Após fugir das plantações com um de seus irmãos, Quao, a rainha Nanny formou uma comunidade quilombola. Eles assumiram o controle da região da Montanha Azul, nomeando-a Cidade Nanny por volta de 1720. Lá, a rainha Nanny encontrou seu futuro marido, Adou.

A Cidade Nanny ocupou uma posição estratégica que tornou difícil para os britânicos a realização de qualquer ataque. A fim de proteger seus soldados de qualquer ataque iminente, Nanny soava o famoso chifre conhecido como *abeng*.

A rainha Nanny era uma importante figura espiritual e uma grande estrategista militar. Ela adotava táticas de guerrilha e ordenava que seus soldados se disfarçassem de árvores e arbustos para emboscar os desavisados soldados britânicos. A rainha Nanny também organizou um sistema de escambo para sustentar sua comunidade.

Entre os anos de 1728 e 1734, a Cidade Nanny e outras comunidades quilombolas foram brutalmente atacadas pelas forças britânicas. Acredita-se que a rainha Nanny tenha sido assassinada durante uma das batalhas em 1733. A escravidão foi abolida na Jamaica em 1833 após revoltas massivas dos escravos.



Moeda de 10 gourdes haitianas com a figura de Sanité Bélair, emitida no bicentenário da independência do Haiti em 2004 © Daniel Denis

SANITÉ BÉLAIR

Rebelde e combatente que lutou na revolução haitiana com seu marido, Charles Bélair

Por volta de 1781 - 1802
Haiti

Poucos livros de história mencionam as várias formas pelas quais as mulheres contribuíram para a revolução haitiana, que culminou no estabelecimento da República do Haiti em 1º de janeiro de 1804. Mas em agosto de 1791, durante a revolta de escravos em São Domingos, algumas das mulheres participaram da rebelião e do combate armado liderados por Toussaint Louverture. Algumas delas foram essenciais para a sua estratégia de organização de guerrilhas contra os franceses no interior da ilha.

Juntamente com Sanité Bélair, muitas mulheres, incluindo Défilée (também conhecida como Dédée Bazile) e Claire Heureuse, a esposa de Jean Jacques Dessalines, se destacaram pela sua bravura e coragem.

Sanité, que também era conhecida como Suzanne, era uma jovem escrava liberta. Em 1796, ela casou-se com Charles Bélair, sobrinho, ajudante de campo e tenente de Toussaint Louverture. Ela lutou ao lado de seu marido nas batalhas de 1802.

Durante um ataque surpresa às tropas de Bélair, no momento em que muitos dos combatentes haviam saído em busca de suprimentos e munição, Sanité foi capturada. Charles se entregou em desespero e o casal foi considerado culpado. O tribunal colonial, levando em consideração a patente militar de Charles e o fato de Sanité ser mulher, condenou ambos à morte - Charles ao fuzilamento e Sanité à decapitação.



Marie-Olympe de Gouges, pintura em pastel atribuída a Kucharski, por volta de 1787
Coleção privada © Todos os direitos reservados

OLYMPE DE GOUGES

Dramaturga, ativista política e feminista,
condenada à morte por suas ideias

1748 - 1793

França

No início dos anos de 1780, Olympe de Gouges escreveu sua primeira peça no teatro francês para denunciar o sistema econômico da escravidão. A autora criticou abertamente o Código Negro, que regulamentava a vida dos escravos.

Considerado muito ousado para a época, seu trabalho quase levou Olympe à prisão da Bastilha. A peça conta a história de um casal quilombola (escravos fugitivos) que se refugiou numa ilha deserta para escapar dos maus-tratos. Dois jovens franceses vieram ajudá-los. Este é o primeiro drama que apresenta escravos negros como reais personagens, o que contribuiu para a reconciliação das raças.

Olympe continuou a escrever e a publicar peças contra a injustiça da escravidão e a favor do abolicionismo.

Tendo contribuído para o surgimento do divórcio legal (o primeiro e único direito concedido às mulheres durante a Revolução Francesa de 1789), Olympe rascunhou a *Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs* em 1791.

Condenada à morte por apoiar os girondinos, grupo político da Revolução Francesa, Olympe foi decapitada em 3 de novembro de 1793.



Anne Knight (1781-1862), fotografia de Victor Franck, por volta de 1855
© Religious Society of Friends in Britain

ANNE KNIGHT

Feminista britânica que defendeu a
abolição da escravidão

1781 - 1862

Inglaterra

Nascida em 1781 numa família de pacifistas, Anne Knight se envolveu em movimentos contra a escravidão no início de 1830. Ela divulgou petições, distribuiu panfletos e organizou reuniões públicas. Ela também estabeleceu uma unidade da Sociedade Anti-Escravista de Mulheres e colaborou de perto com o abolicionista Thomas Clarkson.

Em 1834, Anne deu início a uma excursão pela França, na qual deu palestras sobre a imoralidade da escravidão, defendendo sua abolição. Juntamente com Anne, Lucy Townsend, Sarah Wedgwood, Mary Lloyd, Sophie Sturge e Elizabeth Coltman foram todas muito ativas na defesa da abolição imediata da escravidão.

Elas enviaram uma petição assinada por 350 mil mulheres em 1833 e, pela primeira vez, usaram um boicote como tática política. Elas iam de porta em porta explicar o vínculo entre o consumo do açúcar e a escravidão, conseguindo reduzir significativamente a demanda pelo produto.

Em 1840, líderes homens da Convenção Mundial Anti-Escravista encorajou Anne a lançar uma campanha a favor de direitos iguais para as mulheres.

Anne morreu no dia 4 de novembro de 1862. Sua contribuição à campanha contra a escravidão seria reconhecida pelos escravos libertos jamaicanos, que nomearam a cidade de Knightville em sua homenagem.



Eu vendo a sombra para apoiar a substância, Sojourner Truth. Retrato de Sojourner Truth, 1864, Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

SOJOURNER TRUTH

Escrava liberta e feminista, primeira a associar os direitos das mulheres aos direitos civis

1787 - 1883

Estados Unidos

Sojourner Truth, cujo nome de nascença era Isabelle Baumfree, foi separada de sua família quando era ainda bem menina e foi vendida várias vezes.

O estado de Nova York aboliu a escravidão no dia 4 de julho de 1827 depois que Sojourner já havia escapado com sua filha. Ao saber que seu filho, na época com 5 anos de idade, tinha sido vendido para o Sul, ela deu entrada numa reclamação na Corte de Justiça que determinou o seu retorno. Foi a primeira audiência na qual uma mulher negra foi vitoriosa contra um homem branco da corte dos Estados Unidos.

Em 1º de junho de 1843, Isabelle Baumfree mudou seu nome para Sojourner Truth. Muito religiosa, ela desejou firmar seu papel como uma peregrina (*sojourner*) que mostrou aos outros o caminho que leva à verdade (*truth*).

Conhecer William Lloyd Garrison, Frederick Douglass, Olive Gilbert e David Ruggles por meio de uma comunidade utópica foi extremamente importante e decisivo para Sojourner. Ela participou de debates sobre escravidão

e foi a primeira pessoa a estabelecer um vínculo entre a opressão feita às mulheres e a que era realizada aos escravos. Ela viajou pelos Estados Unidos para denunciar a escravidão.

Em 1851, ela falou na primeira Convenção Nacional sobre os Direitos das Mulheres. Ela apresentou a sua palestra mais famosa: "Não sou eu uma mulher?" Sojourner não fazia distinção entre os direitos das mulheres e os direitos civis.

Durante a Guerra Civil dos EUA, Sojourner conheceu o presidente Lincoln. Ela participou ativamente de campanhas para recrutar soldados negros para lutar com as tropas da União. Em 1865, Sojourner lançou uma campanha contra a segregação nos bondes em Washington, D.C. ao embarcar em bondes reservados para brancos.

Nos últimos anos de sua vida, Sojourner participou ativamente de campanhas pelos direitos de ex-escravos à propriedade privada, em especial à terra. Ela também protestou contra a pena de morte e continuou a lutar pela emancipação dos escravos nas Américas e no Caribe.



Harriet Tubman, "Moisés" do Trem Gospel
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

HARRIET TUBMAN

Defensora da liberdade, líder de exército e ativista da rede *Underground Railroad*

1822 - 1923

Estados Unidos

Harriet Tubman personificou o movimento contra a escravidão e ficou conhecida como uma espécie de Moisés de seu povo. Devido à natureza secreta da rede *Underground Railroad* (Ferrovia Subterrânea) e ao desafio de documentá-la, sua história poderia ter sido perdida, se não fossem seus feitos extraordinários.

Como as mulheres escravizadas eram completamente responsáveis pela criação de seus filhos, a grande maioria dos escravos fugitivos era de homens. Harriet, que realizou sua ousada fuga quando tinha 27 anos de idade, foi uma exceção.

Com uma recompensa de 300 dólares oferecida pela sua captura, ela fez pelo menos 12 viagens de ida e volta ao local no sul que abrigava os escravos

antes da guerra, fundado pela sua rede abolicionista. Enquanto buscava libertar sua família e amigos, ela guiou cerca de 70 escravos à liberdade. Sua última viagem ocorreu durante o outono de 1860, às vésperas da Guerra Civil.

Durante a Guerra Civil (1861-1865), ela serviu no exército da União, ao norte - contrários à escravidão - como espiã, enfermeira e cozinheira.

Ela se tornou a primeira mulher nos Estados Unidos a liderar tropas em combates. Esta campanha resultou na liberação de 750 escravos. O sucesso de Harriet se originava da sua coragem e das fortes ligações com a comunidade abolicionista do norte.

Depois da Guerra, ela trabalhou com as sufragistas Elizabeth Cady Stanton e Susan Anthony pelos direitos das mulheres.



A Medeia Moderna - A história de Margaret Garner, 1867
Schomburg Center for Research in Black Culture, Cidade de Nova York

MARGARET GARNER

Quilombola (escrava fugitiva) que matou sua filha em vez de devolvê-la a uma vida de escravidão

Por volta de 1833 - 1858
Estados Unidos

A vida de Margaret Garner é um trágico exemplo de resistência feminina contra a brutalidade da escravidão. A história, mais tarde, inspirou o livro vencedor do prêmio Pulitzer, *Amada*, de Toni Morrison.

Em 1856, um grupo de oito escravos - incluindo Margaret, seus quatro filhos, seu marido e seus pais - escaparam em direção ao estado livre de Ohio. Refugiaram-se na casa de familiares onde acabaram sendo confrontados por enviados de seu patrão que queriam levá-los de volta a Kentucky. Margaret matou sua filha mais nova para que não tivesse que vê-la voltar para a escravidão.

O que se seguiu foi um dos mais longos e dispendiosos casos de escravos fugitivos da história, colocando em conflito o Ato do Escravo Fugitivo de 1850 (federal) e a lei estadual. No final, Margaret nunca foi processada por assassinato porque ela e sua filha eram consideradas posses. Os Garners foram devolvidos aos seus donos.

O caso de Margaret Garner ilustra os sofrimentos suportados pelas mulheres escravas, os quais incluíam trabalho forçado e exploração sexual. A cor clara da pele de seus filhos suscitaram especulações de que seu patrão era o pai das crianças. A cor clara do mulato se tornou um estigma social, como um símbolo mudo da violência sexual contra as mulheres escravas.

Fontes: Mary E. Frederickson and Delores M. Walters, editoras, *Gendered Resistance: Women, Slavery, and the Legacy of Margaret Garner*, The New Black Studies Series, (Champaign, Illinois, University of Illinois Press 2013)

Mark Reinhardt, *Who Speaks for Margaret Garner?*, (Minneapolis, Minnesota, University of Minnesota Press 2010)



Legado de Josefa continua vivo com a participação de Elvira Fumero nas danças Menda. Cortesia de Sergio Leyva Seiglie, projeto *They Are We*



Cópia do *plantation manifest* no qual aparece o nome de Josefa
Cortesia de Sergio Leyva Seiglie, projeto *They Are We*

Josefa Diago, conhecida no manifesto da plantação como Josefa Gangá, foi capturada na região de Alta Banta (*Upper Banta Chiefdom*), em Serra Leoa, em meados da sua adolescência. Ela havia acabado de entrar na sociedade Menda, que encorajava o uso de remédios curativos tradicionais à base de ervas.

Josefa sobreviveu à jornada conhecida como “passagem do meio”, durante a qual milhões de africanos foram transportados em navios pelo Oceano Atlântico em direção ao Novo Mundo, e foi escravizada na província de Matanzas, em Cuba. Ela foi libertada já bem idosa, quando a escravidão em Cuba chegou ao fim.

Ela ensinou suas canções, danças e ritos de iniciação de origem Menda a sua família, que repassou essas tradições às gerações seguintes sem o conhecimento das origens de Josefa. Hoje, seus descendentes são curandeiros que utilizam ervas em

JOSEFA DIAGO

Africana escravizada que transmitiu sua rica herança cultural aos seus descendentes

Meados do século XIX

Serra Leoa

suas práticas e líderes da cultura Gangá, na província de Matanzas.

Em 2013, os descendentes de Josefa em Cuba finalmente se reuniram aos seus parentes distantes de Alta Banta, Serra Leoa. Esses parentes ainda reconheceram muitos dos rituais de origem Menda que foram preservados em Cuba.

Como resultado desse encontro, as pessoas de Alta Banta foram inspiradas a preservar sua herança. Josefa Diago, cujo nome africano não é conhecido, ainda está mudando vidas nos dois lados do Atlântico.

Essa extraordinária jornada de um grupo comunitário cubano para descobrir suas raízes africanas é pesquisada e recontada por Emma Christopher no seu premiado documentário “Eles são nós” (*They Are We*).

Essa exposição está sendo promovida pelo Programa das Nações Unidas em Memória da Escravidão, gerenciado pela Divisão de Divulgação do Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, em parceria com o Memorial de Abolição da Escravidão de Nantes, França. A exposição foi apresentada simultaneamente em Dakar e Bissau, graças à cooperação dos Centros de Informação das Nações Unidas em Dakar e no Rio de Janeiro.

O texto é baseado na exposição *Dix Femmes Puissantes* ("Dez Mulheres Poderosas"), organizada pelo Memorial de Abolição da Escravidão de Nantes, sob a direção de Francoise Vergès. O Departamento também recebeu o apoio de Diane Miller, gerente de Programa Nacional, Rede Ferroviária Subterrânea Nacional para a Liberdade, Serviço Nacional de Parques dos EUA.

rememberslavery.un.org - memorial.nantes.fr - www.nps.gov